

CARETAS

Quem cantou o jôgo para quem quisesse ouvir foi meu amigo José Auto, que é o redator (anônimo) de "A Semana Internacional em Revista", que ocupa a primeira página da 2ª seção do "Diário Carioca" dos domingos.

Ali ele escreveu domingo último sobre os "Duros e moles" da Rússia. Lembrou que a ala dos "moles" foi aquela que se revelou depois da morte de Stalin com acenos de melhoria do padrão de vida popular, duramente sacrificado à industrialização. O manifesto, por assim dizer, dessa corrente, foi o discurso pronunciado por Malenkov a 8 de agosto de 1953. Malenkov (estou resumindo Zé Auto) disse naquela ocasião que "a tarefa urgente" era "elevar verticalmente, em dois ou três anos, o suprimento de alimentos e produtos manufaturados". Por esse documento o mundo ficou sabendo do estado de penúria a que chegara o consumidor soviético em matéria de pão, leite, carne, manteiga, roupa, sapatos, casas.

Ora, a 24 de janeiro último o "Pravda" publicou um artigo dizendo que "dar prioridade às mercadorias de consumo sobre o desenvolvimento da indústria pesada significaria perder a iniciativa para os países capitalistas, pondo em perigo a segurança da União Soviética." O artigo dizia depois, com mais energia: "Seria difícil imaginar teoria mais apodrecida e que mais desarmasse o povo."

Já a essa altura Mikoyan, ministro do Comércio Interno, ardente partidário do aumento da produção de mercadorias de consumo, tinha se exonerado de seu posto. Nada, entretanto, lhe acontecera de grave. Sabemos agora que ele participou da reunião em que Malenkov renunciou à presidência do Conselho.

Acontecerá alguma coisa ruim a Malenkov? Parece que não. Ele fez uma "autocrítica" bastante humilde em que alude à sua própria "falta de experiência", responsável pela má aplicação da política agrícola, e faz uma imprecisa alusão a um novo cargo que lhe será dado. Seu discurso, escrito com antecedência, e lido por outra pessoa, fôra, naturalmente aprovado pela corrente vencedora. A política russa civiliza-se e parece caminhar para uma fase em que o político momentaneamente por baixo não é forçosamente executado nem precisa se confessar descaradamente agente do capitalismo estrangeiro, espião etc. Confessa-se incompetente e inexperiente, recebe um emprego de segunda classe e fica moita.

Mais ou menos como aconteceu, no ano passado, com o ministro do Exterior da Iugoslávia — que agora foi condenado a uma pena mínima e teve "sur-sis."

O fato, afinal de contas, que interessa ao mundo, é este: o presidente do Conselho russo é um marechal, e a corrente dos "duros" está por cima.

O mesmo acontece nos Estados Unidos, com a concessão pelo Congresso de poderes especiais ao general Eisenhower dando-lhe "autoridade para empregar as forças armadas dos Estados Unidos como achar necessário, no fim específico de dar segurança e proteção a Formosa e Pescadores."

Dos dois lados as caretas ficam mais feias, e o problema da paz e da guerra está na mão dos militares, o que não é lá muito sábio. Resta-nos uma vaga esperança na ONU — o que é assim como quem diz: vamos ver o que pensa o PSD...